

REFLEXÃO DOCENTE ACERCA DA INCLUSÃO ESCOLAR DE UMA ALUNA AUTISTA

Francisca Monteiro da Silva Perez
Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)
francisca.perez@ufersa.edu.br

Samira Fontes Carneiro
Prefeitura Municipal de Mossoró e Governo do Estado do Rio Grande do Norte
samira.uern@gmail.com

Resumo: O trabalho apresenta a experiência docente vivenciada pela professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) a respeito de uma aluna diagnosticada com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma instituição privada da rede de ensino, na qual nos oportunizou tecer práticas pedagógicas fomentadas pelo trabalho colaborativo entre os profissionais envolvidos, numa perspectiva inclusiva. Procuramos investigar a importância da inclusão escolar para o desenvolvimento das potencialidades da aluna autista e refletir acerca do processo de imersão dessa educanda no contexto da escola regular de ensino. A pesquisa é de natureza qualitativa e tem como ponto de partida a pesquisa de cunho bibliográfico que contempla autores como: Ciantelli, Leite e Martins (2014), Minayo (2011), Larrosa (2001), Pereira, Cruz e Ferreira (2015), Papim e Sanches (2013), Silva (2011), dentre outros e ainda leis e decretos que regularizam a educação especial. Consideramos este estudo pertinente por se tratar de uma temática atual e pela relevância das discussões propostas, a saber: o autismo e suas principais características, as contribuições da inserção da aluna autista na sala de aula comum e a importância do trabalho colaborativo e das adaptações curriculares para o processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: **Palavras-chave:** Experiência Docente, Inclusão Escolar, Autismo.

Introdução

É sabido que a inclusão de pessoas diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA) ganhou mais espaço em debates e discussões principalmente nas instâncias sociais e educacionais. Considerado um desafio para a escola e para a família, o processo de ensino-aprendizagem desses educandos precisa ser trabalhado de forma inovadora e instigadora, sempre considerando as características e interesses desses educandos o professor deverá desenvolver práticas pedagógicas variadas e abordagens metodológicas, que vão muito além da aquisição de competências e habilidades básicas expressas nos currículos formais, pois perpassa questões que antecedem qualquer outra aptidão e conhecimentos acadêmicos.

Cabe ressaltar que o autismo é “um distúrbio do desenvolvimento que se caracteriza por alterações presentes [...], em áreas nobres do desenvolvimento humano como as áreas de comunicação, interação social, aprendizado e capacidade de adaptação.” (MELLO, 2007, (83) 3322.3222

p.16). Além das características já citadas, a pessoa com TEA pode apresentar o uso estereotipado e repetitivo da linguagem, repertório marcadamente restrito de atividades e interesses por rotinas e rituais não funcionais. (BRASIL, 2010).

Nesse sentido, relato as experiências vivenciadas no cotidiano escolar, da professora de AEE que atualmente acompanha alunos com TEA matriculados no Colégio Estácio¹ da Educação Básica, da rede privada de ensino, situada na cidade de Mossoró/RN, que em suas experiências docente acompanhara uma aluna diagnosticada com TEA, na desafiante missão de incluí-la no ambiente escolar.

A experiência aconteceu com uma aluna de 9 anos, de nome Margarida² matriculada no 4º ano do ensino fundamental, diagnosticada aos 3 anos com o TEA. Salientamos que a aluna apresentava resistência a mudanças, dificuldade de comunicação e de linguagem e não interagia com outras pessoas. Em variadas situações, era percebida presença de ecolalias tardias e movimentos estereotipados como pular, bater os dentes, correr, movimentar-se constantemente e enfileirar objetos que estavam ao seu alcance, também não participa das atividades em sala e nem das brincadeiras com colegas de sala.

O trabalho é realizado em conjunto com a professora regente que media todo o processo no contexto da sala de aula comum, que faz as adaptações curriculares necessárias para oportunizar a aluna o desenvolvimento da linguagem, comunicação, interação e ainda as suas potencialidades acadêmicas. Para Ciantelli, Leite e Martins (2014):

A inclusão educacional de alunos com deficiência e/ou autismo, portanto deve ultrapassar a possibilidade de convivência comum, pois requer uma série de ações educacionais intencionais para que tais alunos tenham acesso ao currículo da escola, pois, caso contrário, a escola se limitará a uma esfera de socialização. (p. 120).

Tendo em vista o desenvolvimento integral da aluna, o trabalho das profissionais envolvidas precisa ser interligado, colaborativo e articulado a fim de elaborar estratégias que valorizem as suas potencialidades, e que identifiquem as suas necessidades e singularidades próprias das dificuldades da aluna.

Assim sendo, este estudo tem como objetivos investigar a importância da inclusão escolar para o desenvolvimento das potencialidades da aluna autista e refletir acerca do processo de imersão dessa educanda no contexto da escola regular de ensino, procurando conhecer o autismo e suas características, identificando as potencialidades de ensino-aprendizagem através do trabalho colaborativo e de um currículo adaptado.

¹ Para manter o sigilo dos envolvidos, usaremos nomes fictícios para nomear o colégio.

² Para manter o sigilo dos envolvidos, usaremos nomes fictícios para a aluna.

A discussão acerca do autismo e suas principais características será feita de forma investigativa, através de relatos de vivências e também bibliográfica, onde contemplaremos os autores, Silva (2011), Ciantelli, Leite e Martins (2014), Pereira, Cruz e Ferreira (2015), Papim e Sanches (2013), dentre outros e ainda leis e decretos que regularizam a educação especial.

Também discutimos as narrativas da experiência vivenciada como docente diante do processo de inclusão da aluna participante dessa pesquisa, onde serão expostas as potencialidades do trabalho colaborativo com a professora da sala comum e a professora do AEE, bem como a importância das adaptações curriculares para os avanços da educanda.

Metodologia

A pesquisa é qualitativa e tem como lócus empírico a experiência vivenciada a partir da prática da professora Violeta³ no processo de inclusão escolar de uma aluna diagnosticada com TEA. A pesquisa insere-se no cotidiano do Colégio Estácio, ao qual identificamos anteriormente. A instituição é de médio porte, atende alunos da Educação infantil, ensino fundamental (séries iniciais e finais) e ensino médio, funciona nos dois turnos e atende cerca de 500 estudantes residentes nos diversos bairros da cidade.

Na instituição estudam várias crianças e adolescentes que apresentam dificuldades e/ou deficiências, conta com profissionais de AEE e psicopedagoga. Algumas das necessidades atendidas são: autismo, paralisia cerebral, deficiência intelectual, transtorno do déficit de atenção e hiperatividade – TDAH, etc. Atualmente, o Colégio conta com duas professoras de educação especial e AEE, que junto aos professores das diversas turmas mediam a aprendizagem desses alunos.

Optamos pela pesquisa qualitativa, pois segundo (MINAYO, 2011), através dela podemos trabalhar com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que nos permitirá relatar e refletir acerca das contribuições da inclusão no espaço escolar e social.

Como ponto de partida teremos o saber da experiência que, segundo Larrosa (2001) é o saber,

[...], da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. (p. 27).

³ Para manter o sigilo dos envolvidos, usaremos nome fictício para nomear a professora.

Portanto, é um saber que em nós acontece, nos toca e que nos deixa marcas, e a experiência vivida e sentida durante esse processo é singular, onde cada indivíduo envolvido, seja professora da sala comum, professora do AEE, família e a própria aluna, atribuem os seus próprios sentidos.

Conhecendo o autismo e suas características

Conforme a Cartilha do Ministério da Saúde- Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com transtorno do espectro autista (TEA) (2014) -, a primeira definição de autismo como um quadro clínico, data de 1943, que através de estudos e pesquisas o médico austríaco Leo Kanner⁴, diferenciou o quadro de autismo de outros como esquizofrenia e psicoses infantis

De acordo com Apa (2000, *apud* CIANTELLI; LEITE; MARTINS, 2014, p.110),

O autismo é um transtorno invasivo do desenvolvimento caracterizado essencialmente pela presença de três prejuízos: interação social, comunicação e um repertório marcadamente restrito de atividades e interesses. Os casos do transtorno são mais comuns no sexo masculino e ocorre antes dos três anos de idade. Outras patologias poderão ser associadas, sendo o retardo mental o mais comum entre eles.

Ressaltamos que o autismo acarreta sérios comprometimentos no que diz respeito ao uso de procedimentos não verbais, tais como: contato visual, demonstração facial, atitudes corporais e sinais que geralmente são esperados na interação social e que o indivíduo com autismo não consegue identificar ou mesmo desenvolvê-los e forma esperada, também é constatado fracasso em desenvolver conversação adequadas ao nível de desenvolvimento esperado desses indivíduos. (SILVA, 2011).

É importante salientar que a classificação desse transtorno pode variar amplamente, que vai desde o autismo clássico com o grau de comprometimento pode variar de muito, Autismo de alto desempenho (antes chamado de síndrome de Asperger) apresentam as mesmas dificuldades dos outros autistas, mas numa medida bem reduzida e os Distúrbio global do desenvolvimento sem outra especificação (DGD-SOE)⁵ são considerados dentro do espectro do autismo (dificuldade de comunicação e de interação social), mas os sintomas não são suficientes para incluí-los em nenhuma das categorias específicas do transtorno, o que torna o diagnóstico muito mais difícil.

⁴ Médico austríaco que descreveu pela primeira vez o Autismo em 1943.

⁵ DGD-SOE: Distúrbio global do desenvolvimento sem outras especificações.

De acordo com Papim e Sanches (2013), para diagnosticar o TEA, é necessário uma avaliação com uma equipe multidisciplinar capacitada, tendo em vista que por não haver exame clínico que o identifique precocemente, como o de sangue, teste do pezinho, teste da orelhinha, este se torna uma tarefa bem mais difícil.

Também, nesse seguimento, Petersen e Wainer (2011, *apud* PAPIM; SANCHES, 2013, p.24) nos sinaliza que:

A avaliação diagnóstica de crianças com suspeita de autismo deve compreender uma observação dos comportamentos desviantes em comparação com aqueles presentes no curso normal do desenvolvimento infantil, em especial nas dimensões de orientação e comunicação social, e não ser apenas uma checagem da presença ou ausência de sintomas. (p. 87).

Nesse sentido percebemos a importância da inclusão de pessoas autistas nos mais variados espaços, escolares, sociais, profissionais, etc. Estes sujeitos devem ser vistos e valorizados a partir de suas singularidades e potencialidades, na tentativa de assim eliminar concepções excludente ainda tão presente em nossa sociedade.

As contribuições da inserção da aluna autista no contexto da sala de aula comum

No item anterior pudemos constatar como o TEA afeta o indivíduo em várias áreas do seu desenvolvimento, como, a incapacidade e dificuldade nas relações sociais, atraso na aquisição da linguagem, comportamentos com tendência a repetições acompanhada de obsessão e insistência em manter o ambiente e até mesmo a sua rotina diária sem nenhuma alteração.

Nesse sentido, percebemos que ainda é um desafio muito grande uma escola verdadeiramente inclusiva, com qualidade no ensinar para essa parcela da sociedade que tem tantas singularidades na sua forma de ser e de aprender uma vez que é solicitado que a escola uma proposta pedagógica e metodologia específica, recursos didáticos apropriados, professores capacitados e constante interação com os profissionais da área da saúde como psicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos, neuropediatra, entre outros.

Segundo Ciantelli, Leite e Martins (2014)

Ao se pensar no processo de inserção de alunos com autismo, enfatiza-se a necessidade de favorecer a convivência com pares não semelhantes, ou seja, crianças sem deficiência, possibilitando a oportunidade de trocas interativas em contexto não segregado. (p. 111).

Nesse sentido, a inclusão da aluna com TEA começa pela promoção de momentos de trocas e interatividade no cotidiano escolar, onde seja favorecida a concepção de que aprendemos muito com as diferenças e de que todos são partes importantes desse processo de

aprendizagem tanto com relação aos aspectos cognitivos, como as relações sociais que precisam ser estabelecidas nessas interações para que as aprendizagens aconteçam.

Pereira, Cruz e Ferreira (2015) ressaltam que:

A lei nº 9.394/96 estabelece que a educação é um direito de todos e dever do Estado, e a Educação Inclusiva ganhou destaque no capítulo V, no artigo 58, que entende como Educação especial a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (p.4).

É sabido que a inclusão escolar não acontece de fato apenas porque existe a lei para garantir o direito a matrícula no ensino regular, está perpassa por diversos aspectos, e um deles é o direito a aprendizagem, que irá necessitar que a professora da sala comum tenha sensibilidade para perceber como é fundamental para a aluna está verdadeiramente inserida naquele espaço de aprendizagem.

Devemos considerar que é inegável as inúmeras atribuições do docente frente ao contexto de uma sala de aula, com diferentes sujeitos e com níveis distintos de aprendizagem. Dessa forma, a professora do AEE é essencial, no desenvolvimento de um trabalho, planejando e desenvolvendo atividades pedagógicas junto a professora da sala, buscando assim, o seu efetivo desenvolvimento e a inclusão desse público no espaço da sala de aula comum.

Também, se faz necessário adequar a escola às necessidades da educanda, e que através do conhecimento das características do TEA as professoras possam trabalhar os métodos e programas que são desenvolvidos para auxiliá-lo na educação da aluna autista.

Vale destacar que é no âmbito da sala de aula comum a aluna diagnosticada com TEA irá aprender a conviver com os seus pares, desenvolver sua autonomia, suas aptidões, bem como aprender a lidar com as diferenças e a superar suas limitações.

Trabalho colaborativo e adaptações curriculares

Vimos anteriormente que o processo de inclusão escolar de alunos com TEA não é uma tarefa simples, a experiência relatada nesse tópico evidencia essa concepção. Inicialmente, é importante destacar que a educanda participante dessa pesquisa é uma criança de nove anos, matriculada no 4º ano do ensino fundamental, diagnosticada com TEA aos três anos de idade.

A aluna apresenta atraso no desenvolvimento comportamental, bem como na comunicação e linguagem. Fala palavras soltas muitas vezes fora de contexto, tem

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

comportamentos estereotipados e dificuldade acentuada de concentração, apresenta dificuldade de relacionar-se com seus pares, demonstra aversão a barulhos em sua volta, sendo também muito dependente para realizar as tarefas simples do dia a dia, evita qualquer contato visual e permanece grande parte do tempo em silêncio, não demonstra nenhuma resposta e interesse na realização de atividades e ainda apresenta dificuldade de permanecer em sala, ficando parte do tempo irritada e agitada.

Resultados e Discussão

Partindo das constatações iniciais, o trabalho começa através do contato entre família, professora da sala e professora do AEE, onde buscamos traçar objetivos para conseguirmos avançar nos aspectos cognitivos e sociais. O contato com a professora do AEE foi fundamental, uma vez que a aluna já frequentava de maneira assídua, duas vezes por semana, o atendimento, com isso, a mesma conhece as suas particularidades, suas principais necessidades, bem como aquilo que mais a atrai. Antes da execução dessas ações, buscamos conhecer a aluna através de algumas atividades diagnósticas.

Destacamos que a educanda já havia frequentado outra escola, mais diante das dificuldades que a escola apresentava em não conseguir trabalhar com a aluna, os pais decidiram por trocar a criança de escola.

Inicialmente percebemos a necessidade de trabalhar com a aluna a construção de autonomia nas atividades cotidianas, estruturação de uma rotina em sala, socialização, permanência em sala, adaptação ao intervalo, participação da dinâmica da turma e o desenvolvimento da linguagem verbal. Para a realização dessas ações eram necessárias adaptações curriculares, uma vez que, por não ser alfabetizada, a aluna não acompanhava o nível de aprendizagem da turma. Carvalho (2010, p.13, *apud* SILVA, 2011) salienta que “Repensar o currículo e as metodologias utilizadas é da maior urgência para evitar os elevados e inaceitáveis índices de fracasso escolar com que temos convivido”.

Tais adaptações nos currículos formais, principalmente a metodologia são necessárias, para que possamos obter melhores resultados, no caso da aluna, percebemos ao longo do tempo que jogos, brincadeiras, atividade com imagens e utilizando materiais concretos instiga a participação dela e permite evoluções significativas.

Vale ressaltar que um dos principais desafios observado consistiu no processo de adaptação do aluna à rotina da sala e estar junto aos seus pares nos variados momentos.

A rotina estruturada foi elaborada através dos PEC's (*Picturing Exchanging Communication System*), ou seja, um sistema de comunicação por meio de troca de figuras, na

qual facilita a memorização da sequência de atividades, por exemplo: atividade em sala, leitura, lanche, intervalo etc.

Em se tratando da metodologia utilizada nesse processo, acatando as sugestões da professora do AEE, procurou-se desenvolver um trabalho em que fosse percebido as características do transtorno e principalmente as singularidades da aluna. Aspectos como tarefas curtas, materiais pedagógicos que estimulem o raciocínio, atividades lúdicas utilizando objetos de seu interesse e os movimentos do próprio corpo, desenvolvimento de autonomia através de atividades cotidianas como ir ao banheiro, tomar água e alimentar-se sem nenhuma intervenção, foram trabalhados no cotidiano.

Destacamos que inicialmente as tarefas que eram propostas fora do ambiente da sala de aula sempre era percebida com muita resistência por parte da aluna, pois a resistência da mesma na aceitação de outros espaços escolares propostos para as atividades é uma tarefa que precisa ser bem trabalhada pelas professoras devido as características que o transtorno apresenta. Como isso, as professoras recorriam a sala de leitura ou outro espaço ou recurso que pudesse colaborar com a inserção da aluna nos diferentes ambientes do colégio.

Nesse sentido, é fundamental enfatizar que todo o trabalho desenvolvido pela professora do AEE é realizado em consonância com aquilo que é trabalhado pelo professor o ensino regular. São feitas adaptações com relação aos conteúdos, atividades e avaliações.

Após um ano do início do trabalho com a aluna muitos avanços foram conquistados. Estes ultrapassam conhecimentos e habilidades acadêmicas, a saber: A aluna encontra-se adaptada à rotina da sala e do colégio, desenvolve atividades diárias com alguma autonomia, já demonstra situações lúdicas interesse pelas relações e contatos sociais, verbaliza palavras para demonstra desejos e emoções, apresenta interesse pelas atividades propostas, etc. Em relação ao progresso na aprendizagem, este tem sido considerado um desafio a ser identificado e avaliado, haja vista que a educanda pouco expressa o que foi apreendido daquilo estudado. No entanto, constatamos que ela já consegue reconhecer vogais, letras do seu nome, cores, numerais de 0 a 9 e realiza contagens e adições simples.

O currículo adaptado e o trabalho colaborativo entre profissionais e a própria família da aluna é um elo no qual permite evoluções significativas, principalmente no que diz respeito ao aspecto cognitivo e social. O diálogo entre todos os sujeitos envolvidos permite conhecer melhor a aluna e suas singularidades para que assim possamos elaborar um currículo baseado em informações concretas, podermos de forma mais consistente ficamos cientes do que ensinar, como ensinar, quando ensinar como e quando avaliar.

Conclusões

A inclusão de alunos com TEA ainda é um grande desafio para família, docentes e demais profissionais. Isso se deve ao fato de que a nossa formação inicial docente tem deixado lacunas quanto à educação especial, gerando questões e dilemas que vivenciamos em nosso dia a dia.

Ressaltamos que os profissionais da educação especial e profissionais da educação comum devem estar engajados em conhecer as necessidades dos alunos e buscar constantemente estratégias nas quais farão com que esses alunos que necessitam de uma atenção mais especial possam superar e/ou aprender dentro de suas limitações e avance em diferentes aspectos.

A experiência vivida durante a inclusão da educanda participante dessa pesquisa nos faz refletir a respeito da importância da escola, com suas múltiplas dimensões que lhe são inerentes para a vida escolar e social de todo sujeito. Através do espaço educacional a aluna teve a oportunidade de estar junto aos seus pares diariamente, ter uma vida mais funcional e autônoma, experimentar diversas aprendizagens, sentir-se imerso e participante, sendo constantemente convocada à está integrada e interagindo, como também oportunizando aos sujeitos do seu entorno quebrarem qualquer estereótipo e preconceito.

No tocante da inclusão escolar, faz-se necessário que todos os envolvidos estejam envolvidos através de formação continuada, rede colaborativa, adaptações curriculares, diálogo mútuo, troca de saberes e fazeres, sensibilidade, planejamento e ações pedagógicas consistentes. O autismo com todas as suas especificidades não pode ser visto como entrave para que o indivíduo evolua, mas é preciso nos implicarmos e buscarmos conhecer e entender esse universo e formas de se inserir e também inserir os sujeitos pertencentes a ele, para que assim seja possível alcançar as possibilidades de suas evoluções.

Referências

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Senado Federal. Brasília: MEC 2010. Disponível em <http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/proen/ldb_11ed.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. Brasília: Ministério da saúde, 2014. 86 p. Disponível

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

em<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_pessoa_autismo.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2018.

CIANTELLI, A. P. C; LEITE, L. P.; MARTINS, S. E. S. O. **O transtorno global do desenvolvimento na educação inclusiva: escola comum ou escola especial?** Práxis educacional. Vitória da Conquista, v. 10, n. 16, p.105-127, jun. 2014.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o Saber de Experiência.** Espanha: Huahuahua, 2001.

MELLO, Ana Maria S. Ros de, **Autismo: guia prático.** 5 ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade.** Rio de Janeiro: Ciência & Saúde Coletiva, 2011.

PAPIM, A. A. P; SANCHES, K. G. **Autismo e inclusão: levantamento das dificuldades encontradas pelo professor do Atendimento Educacional Especializado em sua prática com crianças com autismo.** 2013. Disponível em: <<http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56194.pdf>> Acesso em: 30 jul. 2018.

PEREIRA, C. F. A; CRUZ, K. da; FERREIRA, S. P. A. **Inclusão de Estudantes com o Transtorno do Espectro Autista: Um estudo sobre o atendimento em uma escola pública municipal da cidade de Abreu e Lima.** 2015. Disponível em: <https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/.../inclusao-de_estudantes.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2018.

SILVA, Evaldo Alves da. **Os desafios do autista no cotidiano escolar.** 2011. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2340/1/2011_EvaldoAlvesdaSilva.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2018.